v7.n10.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

IMPACTOS DA AUSÊNCIA PATERNA NA REGULAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO

IMPACTS OF FATHER ABSENCE ON SOCIOEMOTIONAL REGULATION IN CHILDHOOD: A CASE STUDY

IMPACTOS DE LA AUSENCIA PATERNA EN LA REGULACIÓN SOCIOEMOCIONAL EN LA INFANCIA: UN ESTUDIO DE CASO

Cândida Nara Reis Pontes[1], Telma Fátima Soares Feijó[1], Francesca Aimée Oda da Silva[2]

e7109174
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i10.9174

PUBLICADO: 10/2026

RESUMO

Este estudo analisou o desenvolvimento infantil sob a ótica da Psicologia do Desenvolvimento. O objetivo central foi identificar fatores de risco e de proteção relacionados à regulação socioemocional e à formação de vínculos interpessoais, considerando como o apoio materno, o suporte familiar, a escola, a rede de saúde e a espiritualidade contribuem para a construção da identidade da criança frente a experiências adversas. A metodologia caracterizou-se como pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e descritiva, desenvolvida por meio de estudo de caso. A coleta de dados foi realizada mediante entrevista semiestruturada com a responsável e produção de desenho livre temático pela criança, articuladas a uma fundamentação teórica baseada em revisão bibliográfica de autores como Bowlby, Ainsworth, Cyrulnik, Minuchin e Spitz. Os resultados evidenciaram que a ausência paterna não deve ser compreendida de forma isolada ou determinista. Foram identificadas experiências de medo, frustração e resistência relacionadas ao contato com o pai biológico, coexistindo com fatores de proteção, como apoio materno, presença do pai de criação, família extensa e suporte escolar. Concluiu-se que vínculos afetivos consistentes e intervenções psicossociais contextualizadas podem favorecer a regulação emocional, a adaptação e o bem-estar infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Ausência Paterna. Desenvolvimento Infantil. Resiliência.

ABSTRACT

This study analyzed child development from the perspective of Developmental Psychology. The main objective was to identify risk and protective factors related to socioemotional regulation and the formation of interpersonal bonds, considering how maternal support, family support, school, the health care network, and spirituality contribute to the child's identity development in the face of adverse experiences. The methodology consisted of field research with a qualitative and descriptive approach, developed through a case study. Data were collected through a semi-structured interview with the child's guardian and a thematic free drawing produced by the child, articulated with a theoretical framework based on a literature review of authors such as Bowlby, Ainsworth, Cyrulnik, Minuchin, and Spitz. The results showed that paternal absence should not be understood in an isolated or deterministic manner. Experiences of fear, frustration, and resistance related to contact with the biological father were identified, coexisting with protective factors such as maternal support, the presence of a social father, extended family, and school support. It was concluded that consistent affective bonds and contextualized psychosocial interventions may promote emotional regulation, adaptation, and child well-being.

[1] Graduanda(o) em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Manaus – Fametro – Polo Parintins-AM, Brasil.
[2] Especialista em Psicologia Forense e Jurídica. Professora da Fametro – Polo Parintins-AM, Brasil.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

KEYWORDS: *Father Absence. Child Development. Resilience.*

RESUMEN
Este estudio analizó el desarrollo infantil desde la perspectiva de la Psicología del Desarrollo. El objetivo central fue identificar factores de riesgo y de protección relacionados con la regulación socioemocional y la formación de vínculos interpersonales, considerando cómo el apoyo materno, el soporte familiar, la escuela, la red de salud y la espiritualidad contribuyen a la construcción de la identidad del niño frente a experiencias adversas. La metodología se caracterizó como una investigación de campo, con enfoque cualitativo y descriptivo, desarrollada mediante un estudio de caso. Los datos fueron recolectados por medio de una entrevista semiestructurada con la responsable y de un dibujo libre temático producido por la niña, articulados con una fundamentación teórica basada en la revisión bibliográfica de autores como Bowlby, Ainsworth, Cyrulnik, Minuchin y Spitz. Los resultados evidenciaron que la ausencia paterna no debe comprenderse de forma aislada ni determinista. Se identificaron experiencias de miedo, frustración y resistencia relacionadas con el contacto con el padre biológico, coexistiendo con factores de protección, como el apoyo materno, la presencia del padre de crianza, la familia extensa y el apoyo escolar. Se concluyó que los vínculos afectivos consistentes y las intervenciones psicosociales contextualizadas pueden favorecer la regulación emocional, la adaptación y el bienestar infantil.

PALABRAS CLAVE*: Ausencia Paterna. Desarrollo Infantil. Resiliencia.*

INTRODUÇÃO

A família, enquanto sistema dinâmico, depende da interdependência de seus subsistemas para promover um ambiente seguro de desenvolvimento. A lacuna deixada pela ausência paterna não representa apenas uma falta individual, mas uma reconfiguração nas funções de autoridade e suporte, com impactos diretos na competência da criança em gerenciar suas próprias emoções e interações sociais.

A constituição psíquica infantil é mediada pela qualidade dos vínculos estabelecidos em seus primeiros anos de vida. Embora a literatura tradicional tenha focado exaustivamente na díade mãe-bebê, a ausência da figura paterna emerge como uma variável crítica, capaz de alterar a capacidade de enfrentamento de conflitos na infância.

Esta pesquisa contextualiza o cenário brasileiro ao apresentar o abandono afetivo e material por parte da figura paterna e investiga como esse fenômeno transcende a esfera jurídica e se manifesta como um entrave no desenvolvimento socioemocional, afetando o desempenho e a socialização de crianças em fase escolar. Compreender esse fenômeno e criar estratégias psicoterapêuticas é de suma importância para a resiliência da criança e para um futuro próspero, com autonomia funcional na vida adulta.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A estrutura familiar tem passado por significativas transformações ao longo das últimas décadas, e, com elas, também se modificam os papéis parentais e as dinâmicas de cuidado no desenvolvimento infantil. Nesse contexto, a ausência paterna tem se tornado um fenômeno cada vez mais discutido nas áreas da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia da Família, especialmente no que se refere às implicações para a regulação socioemocional da criança.

A ausência do pai pode ocorrer por diferentes motivos, como separação conjugal, abandono, migração para trabalho, encarceramento ou falecimento, e pode manifestar-se tanto de forma física quanto emocional, quando há distanciamento afetivo ou pouca participação no processo de cuidado e educação.

Estudos clássicos e contemporâneos indicam que a ausência da figura paterna pode estar associada a desafios no desenvolvimento emocional e social da criança, incluindo dificuldades na expressão e regulação das emoções, insegurança nos vínculos afetivos, baixa autoestima e problemas de interação social. Esses aspectos podem influenciar a forma como a criança compreende a si mesma, estabelece relações interpessoais e lida com frustrações e adversidades ao longo do seu desenvolvimento. No entanto, a resposta da criança a essa ausência não é necessariamente determinista.

Nesse contexto, destaca-se também a importância de intervenções e estratégias psicoterapêuticas voltadas ao desenvolvimento infantil e da identificação de papéis dentro da dinâmica familiar, uma vez que é comum a mãe assumir múltiplas funções na tentativa de suprir as necessidades afetivas e estruturais da criança, e a ausência dessa referência pode gerar lacunas na organização socioemocional da criança.

Diante dessa perspectiva, esta pesquisa busca compreender de forma mais específica essa realidade no contexto da atenção básica em saúde. Assim, o problema central que orienta o estudo é: quais são os impactos da ausência paterna na regulação socioemocional de crianças, e de que maneira os fatores de risco e os fatores de proteção (resiliência) influenciam o processo de desenvolvimento?

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Identificar os impactos emocionais negativos da ausência da figura paterna na criança (insegurança, ansiedade, baixa autoestima)

A análise dos impactos emocionais relacionados à ausência da figura paterna na infância requer uma compreensão ampliada do desenvolvimento humano, considerando os aspectos afetivos, cognitivos, sociais e relacionais que compõem a constituição psíquica da criança. A

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

família constitui um dos primeiros contextos de socialização e exerce papel relevante na organização emocional e na formação de vínculos. O desenvolvimento infantil, entretanto, resulta da interação de múltiplos fatores de risco e de proteção presentes na criança, na família e no ambiente em que ela vive (MARTINS *et al.*, 2025).

Nesse contexto, a figura paterna pode exercer funções de cuidado, proteção, apoio e participação no desenvolvimento infantil. A Teoria do Apego, formulada por Bowlby (1984), oferece uma base teórica importante para compreender a relevância das relações estabelecidas com figuras cuidadoras significativas durante a infância.

Segundo Bowlby (1984), o apego constitui um sistema comportamental relacionado à busca de proximidade e proteção junto às figuras cuidadoras. A presença consistente e responsiva dessas figuras favorece a construção de segurança emocional e a exploração do ambiente, enquanto relações marcadas por imprevisibilidade ou baixa responsividade podem dificultar a organização emocional da criança.

Ainsworth *et al.* (1978), ao desenvolverem o procedimento da Situação Estranha, ampliaram empiricamente a compreensão da teoria do apego ao demonstrar que a qualidade da interação entre a criança e sua figura cuidadora está relacionada aos padrões de apego. Esses achados devem ser compreendidos como referentes à qualidade do cuidado e do vínculo, não como evidência de que a ausência de uma figura parental, isoladamente, determine um padrão específico de desenvolvimento.

A sensibilidade do cuidador e sua capacidade de responder de maneira consistente às necessidades da criança contribuem para a formação de um senso de previsibilidade e segurança. Em contextos de baixo envolvimento paterno, podem ocorrer reorganizações nas responsabilidades de cuidado e na dinâmica familiar; seus efeitos, contudo, variam de acordo com fatores como apoio social, estresse parental, funcionamento familiar e qualidade das relações estabelecidas com a criança (ARRAIS; VIEIRA-SANTOS, 2021; OLIVEIRA *et al.*, 2022).

A insegurança emocional pode surgir quando a criança vivencia relações significativas como instáveis, pouco responsivas ou imprevisíveis. Nesses casos, podem ocorrer medo de abandono, dificuldade de confiar nas relações e maior necessidade de confirmação afetiva. Bowlby (1984) destaca que a segurança se desenvolve a partir da disponibilidade e da continuidade das interações com figuras cuidadoras significativas.

Outro aspecto relevante refere-se à autorregulação emocional. Segundo Wallon (2007), o desenvolvimento emocional ocorre progressivamente por meio das interações sociais e afetivas, sendo as relações estabelecidas ao longo da infância importantes para a construção de recursos de regulação e expressão das emoções.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Diante de situações de frustração ou insegurança, algumas crianças podem apresentar impulsividade, agressividade, retraimento ou dificuldades de expressão emocional. Esses comportamentos, porém, não devem ser atribuídos automaticamente à ausência paterna, pois o comportamento infantil é influenciado por características individuais, pela qualidade das relações familiares e pelo contexto mais amplo de desenvolvimento (BUENO; VIEIRA; CREPALDI, 2022).

A criança também pode atribuir significados pessoais à separação ou ao afastamento parental, vivenciando-os como rejeição, perda ou abandono, a depender de sua idade, das explicações recebidas e da forma como os adultos conduzem a situação. Nesse sentido, Dolto (2011) destaca a importância de comunicar à criança, de maneira adequada à sua compreensão, as mudanças decorrentes da separação dos pais, preservando sua segurança afetiva e seus vínculos.

A participação das figuras parentais também integra o processo pelo qual a criança constrói percepções sobre si mesma, sobre as relações e sobre o pertencimento familiar. A literatura contemporânea aponta que o papel paterno pode assumir diferentes formas de cuidado, apoio emocional, participação nas atividades da criança e corresponsabilidade familiar, devendo ser analisado de acordo com a organização específica de cada família (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

Ressalta-se, portanto, que a ausência paterna deve ser compreendida sem determinismo. Ela pode constituir um fator de vulnerabilidade em determinadas circunstâncias, mas seus efeitos não são universais nem inevitáveis. A trajetória infantil é influenciada pela combinação de fatores de risco e de proteção, incluindo a qualidade do ambiente familiar, a existência de vínculos afetivos significativos, o apoio social e os recursos disponíveis à criança (CYRULNIK, 2004; MARTINS *et al.*, 2025).

1.2. Examinar os efeitos sociais da ausência paterna na formação de vínculos interpessoais e no ajustamento social da criança

A família constitui um importante espaço de inserção social da criança, no qual são aprendidos modos de convivência, regras, formas de comunicação e padrões relacionais. Para Minuchin (1990), o funcionamento familiar envolve padrões de interação, organização de papéis, fronteiras e relações entre os diferentes subsistemas, de modo que o desenvolvimento infantil precisa ser compreendido no contexto dessas relações.

A participação paterna pode contribuir para diferentes experiências de cuidado, estimulação, disciplina, apoio e exploração do ambiente. Estudos sobre a relação pai-criança mostram que essas interações se articulam ao funcionamento familiar e aos comportamentos

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

infantis, sem que se possa atribuir ao pai, de forma exclusiva, a função de estabelecer autoridade ou limites (BUENO; VIEIRA; CREPALDI, 2022). De acordo com Bowlby (1989), a qualidade das relações significativas estabelecidas na infância influencia a maneira como a criança organiza expectativas sobre si mesma e sobre os outros.

Assim, dificuldades de comportamento, de cooperação ou de adaptação social não devem ser interpretadas como consequências automáticas da ausência paterna. O envolvimento parental e o funcionamento familiar constituem apenas parte de um conjunto mais amplo de fatores que podem favorecer ou dificultar a adaptação da criança. Bueno, Vieira e Crepaldi (2022) ressaltam a necessidade de contextualizar o comportamento infantil considerando características da criança, dos cuidadores, da família e do ambiente.

No campo das relações com os pares, a qualidade das experiências familiares pode repercutir na forma como a criança desenvolve habilidades de comunicação, cooperação, negociação de conflitos e pertencimento. Pesquisas sobre envolvimento paterno e ajustamento social indicam associações entre formas de participação do pai nas atividades cotidianas e aspectos da adaptação social infantil, ressaltando, contudo, a importância das demais relações familiares e contextuais (AMARAL; MONTEIRO; SANTOS, 2019).

A escola constitui um contexto privilegiado para observar e favorecer o desenvolvimento socioemocional, pois nela a criança vivencia regras coletivas, relações com pares, frustrações, cooperação e resolução de conflitos. Eventuais dificuldades nesses domínios precisam ser avaliadas de forma ampla, sem serem atribuídas exclusivamente à configuração familiar. A promoção de habilidades de regulação emocional e interação social no contexto educacional pode contribuir para a adaptação e o bem-estar da criança (GONÇALVES; RESENDE, 2024).

A construção da identidade social e do sentimento de pertencimento ocorre por meio de múltiplas relações e experiências. A participação paterna pode integrar esse processo, assim como a relação com a mãe, outros cuidadores, familiares, pares e profissionais da escola. Desse modo, mais do que a simples presença física do pai, importa compreender a qualidade dos vínculos, as formas de participação familiar e os recursos de apoio disponíveis à criança (AMARAL; MONTEIRO; SANTOS, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2022).

1.3. A escola como fonte de refúgio emocional e as intervenções psicossociais com crianças com vínculo paterno rompido

O desenvolvimento infantil é um processo complexo e multidimensional, influenciado por fatores biológicos, emocionais, familiares, sociais e ambientais. Por isso, crianças submetidas a experiências semelhantes podem apresentar respostas diferentes, conforme os recursos

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

pessoais e contextuais disponíveis. Estudos recentes reforçam que fatores de risco e de proteção atuam de maneira combinada ao longo do desenvolvimento (MARTINS *et al.*, 2025).

A Psicologia, enquanto ciência e prática profissional, dispõe de referenciais e estratégias capazes de favorecer trajetórias de desenvolvimento mais saudáveis diante de situações adversas. Conforme Bowlby (1989), a qualidade das relações significativas na infância participa da organização emocional e da construção de modelos internos de relacionamento.

Nessa perspectiva, a ausência paterna pode representar uma condição de vulnerabilidade, mas não determina, por si só, prejuízos irreversíveis. A presença de vínculos seguros com outros cuidadores, o suporte familiar, a escola e a rede de apoio podem funcionar como recursos de proteção e favorecer processos de adaptação e resiliência.

As contribuições de Spitz (2004) reforçam a importância dos cuidados afetivos e da continuidade das relações na infância, ao evidenciarem os efeitos da privação emocional sobre o desenvolvimento psíquico. A leitura desses achados, contudo, deve considerar as diferenças entre privação global de cuidados e ausência de uma figura específica, evitando generalizações indevidas para todos os contextos de ausência paterna.

A atuação psicológica pode favorecer a elaboração das experiências vividas pela criança e o fortalecimento de recursos emocionais e relacionais. Intervenções voltadas à expressão e à compreensão das emoções, ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, ao fortalecimento de vínculos e à orientação dos cuidadores podem ampliar recursos adaptativos e favorecer relações mais saudáveis (GONÇALVES; RESENDE, 2024).

Essas intervenções devem considerar a criança em sua totalidade e respeitar sua singularidade, não se restringindo ao atendimento individual. A orientação aos cuidadores, a compreensão da dinâmica familiar e a articulação com a escola e com a rede de saúde permitem construir estratégias mais coerentes com as necessidades reais da criança e de sua família (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

A escola é um importante espaço de desenvolvimento socioemocional. Segundo Del Prette e Del Prette (2017), o ambiente escolar favorece a aprendizagem e o exercício de habilidades sociais. Revisões recentes também destacam que a promoção de competências socioemocionais no contexto educacional pode contribuir para a regulação emocional, as relações interpessoais e a convivência social (GONÇALVES; RESENDE, 2024).

Em situações de separação conjugal, a preservação de rotinas e vínculos significativos pode oferecer maior estabilidade à criança. Dolto (2011) chama atenção para a importância de considerar os impactos da separação dos pais sobre a vida cotidiana infantil, incluindo sua

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

relação com a escola, os vínculos sociais e a necessidade de receber explicações compatíveis com sua compreensão.

É essencial, portanto, considerar a criança em seus diferentes contextos de inserção. Ao reconhecer simultaneamente vulnerabilidades e fatores de proteção, torna-se possível planejar intervenções que favoreçam saúde emocional, adaptação social e fortalecimento de vínculos, evitando interpretações causais simplificadas sobre a ausência paterna (MARTINS *et al.*, 2025).

A efetividade das intervenções depende de sua adequação à singularidade de cada criança. Não se trata de aplicar técnicas de forma padronizada, mas de construir estratégias que considerem sua história, os significados atribuídos à ausência, a organização familiar e os recursos disponíveis na comunidade. Essa perspectiva sustenta uma prática psicológica contextualizada, ética e fundamentada em evidências.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracterizou-se como pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e descritiva, desenvolvida por meio de estudo de caso envolvendo uma mãe e sua filha, que vivencia a ausência paterna. A fundamentação teórica reuniu obras clássicas e estudos contemporâneos das áreas de Psicologia do Desenvolvimento, Apego, Desenvolvimento Socioemocional e Terapia Familiar. Bowlby e Ainsworth fundamentaram a compreensão sobre apego e vínculos; Cyrulnik contribuiu para a discussão sobre resiliência; Minuchin subsidiou a análise da organização e da dinâmica familiar; e estudos recentes ampliaram a compreensão sobre envolvimento paterno, fatores de risco e proteção e desenvolvimento socioemocional. A seleção dos materiais considerou sua pertinência teórica e sua relação direta com o problema de pesquisa.

A análise dos textos seguiu abordagem qualitativa e permitiu identificar categorias relacionadas aos impactos da ausência parental, aos fatores de risco e de proteção e às estratégias de enfrentamento. Os dados teóricos foram organizados de acordo com os objetivos específicos do estudo, favorecendo a construção de uma interpretação integrada. Cada categoria foi discutida em diálogo com diferentes autores, possibilitando a análise de convergências e divergências teóricas.

O primeiro passo da pesquisa foi o contato com a mãe da criança para verificar sua disponibilidade e a possibilidade de participação da criança. Após a concordância da genitora e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi realizado o rapport com

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

a participante, favorecendo a formação de vínculo e a expressão de conteúdos relevantes para a pesquisa.

A entrevista semiestruturada foi composta por 15 questões, divididas em quatro eixos: Eixo 1 – representação da figura paterna; Eixo 2 – reações emocionais relacionadas ao pai; Eixo 3 – estratégias maternas frente à ausência paterna; e Eixo 4 – regulação emocional. As questões abordaram aspectos da vivência social e emocional da criança a partir do relato materno. Conforme Flick (2013), a entrevista semiestruturada favorece o diálogo sobre um fenômeno definido e permite obter a perspectiva do participante sobre o tema investigado.

Foi proposta à criança a produção de um desenho livre temático, empregado como recurso lúdico-expressivo para favorecer a manifestação de percepções, sentimentos e experiências relacionadas ao contexto familiar. Foi apresentada uma instrução simples e adequada à idade, permitindo que a criança realizasse o desenho livremente, sem interferências ou direcionamentos durante a atividade.

A análise da entrevista semiestruturada partiu das falas obtidas da mãe da criança, interpretadas em articulação com o referencial teórico adotado. O desenho lúdico-expressivo de Ana Flor foi analisado qualitativamente em conjunto com as informações obtidas na entrevista, sem finalidade diagnóstica ou de avaliação psicológica.

Por se tratar de pesquisa em Psicologia, inserida no campo das Ciências Humanas e Sociais e envolvendo participação humana, foram observadas as normas éticas aplicáveis, especialmente a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016) e, no que coube, os princípios da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012). Foi apresentado à responsável legal o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e foi assegurado à criança o processo de assentimento livre e esclarecido, em linguagem compatível com sua idade e capacidade de compreensão. A participação foi voluntária, com preservação da privacidade e possibilidade de desistência em qualquer etapa da pesquisa.

Para preservar a identidade das participantes, foi utilizado o nome fictício Ana Flor para a criança ao longo do estudo de caso.

Como critérios de inclusão, foram considerados: 1) materiais científicos diretamente relacionados ao tema, priorizando publicações entre 2015 e 2026, sem excluir obras clássicas indispensáveis à fundamentação teórica, ainda que anteriores a esse período ou publicadas em outro idioma; 2) participação voluntária da genitora e da criança, mediante os procedimentos éticos de consentimento e assentimento; e 3) pertinência do caso aos objetivos propostos no estudo.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Foram excluídos materiais sem relação direta com o problema de pesquisa, fontes sem consistência acadêmica ou documentos que não contribuíram para os eixos teóricos definidos. Obras clássicas e referências fundamentais ao campo não foram excluídas exclusivamente em razão do ano de publicação ou do idioma.

O estudo ofereceu contribuições para a compreensão contextualizada da experiência investigada e para a discussão de estratégias psicossociais passíveis de adaptação à singularidade da criança. Também buscou fornecer subsídios à prática profissional, à instituição e à comunidade científica, especialmente no que se refere ao fortalecimento de vínculos, à regulação socioemocional e à articulação entre família, escola e rede de saúde.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram analisados a partir da entrevista semiestruturada realizada com a mãe da criança e da produção de um desenho livre temático, utilizado como recurso lúdico-expressivo. O desenho foi analisado qualitativamente em articulação com as informações obtidas na entrevista, sem finalidade diagnóstica ou de avaliação psicológica, conforme previsto na metodologia deste estudo.

A análise considerou que a ausência paterna não deve ser compreendida de maneira isolada ou determinista. O desenvolvimento infantil resulta da interação entre características individuais, qualidade dos vínculos, funcionamento familiar, apoio social e experiências presentes nos diferentes contextos de vida. Dessa maneira, procurou-se identificar tanto possíveis fatores de vulnerabilidade quanto recursos de proteção presentes na realidade da criança.

3.1. Representação da figura paterna

O primeiro eixo buscou compreender como a criança representa a figura paterna e de que maneira diferencia o pai biológico daquele reconhecido afetivamente como pai. Segundo a mãe:

“Primeiro que ela não vê o pai biológico dela como pai, ela chama pelo nome e não como pai, não costuma falar sobre ele no dia a dia”. [sic]

Ao ser questionada sobre a presença do pai nos desenhos e brincadeiras, acrescentou:

“Não, ele nunca aparece, quem aparece nos desenhos é o pai do coração, que pra ela é o seu pai.” [sic]

Os relatos apontam para uma distinção entre paternidade biológica e paternidade construída pela convivência. O pai de criação aparece no discurso materno como a principal referência paterna da criança, enquanto o pai biológico possui participação reduzida em sua rotina.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Essa configuração está de acordo com Oliveira *et al.* (2022), ao compreenderem que o papel paterno também se constitui pelo cuidado, apoio emocional, participação e corresponsabilidade familiar.

Minuchin (1990) contribui para essa compreensão ao considerar que os papéis familiares são construídos nas relações entre seus membros. Assim, no caso estudado, o pai de criação parece ocupar uma função paterna efetivamente reconhecida pela criança, enquanto o pai biológico permanece presente em sua história, porém sem ocupar o mesmo lugar relacional.

O desenho realizado pela criança acrescenta informações importantes. Embora a mãe relate que o pai biológico não costuma aparecer espontaneamente em suas produções, quando a atividade foi direcionada à figura paterna, a criança o representou. A figura identificada como pai apresenta um símbolo no peito, explicado pela própria criança como relacionado à polícia, além de uma boina, também associada à profissão paterna.

A criança representou a si própria com uma interrogação acima da cabeça e acrescentou ao lado uma expressão facial triste. Também desenhou uma pipoca marcada com um “X”. Há ainda a presença do número “1”; entretanto, como a criança não explicou seu significado, nenhuma interpretação foi atribuída a esse elemento.

Esses elementos não devem ser considerados isoladamente como indicadores psicológicos. Sua importância está na articulação com aquilo que a própria criança expressou e com os dados da entrevista. O desenho pode ser utilizado como recurso de acesso à experiência infantil, mas não como instrumento para atribuir sentimentos ou diagnósticos.

A partir desse resultado, recursos psicoterapêuticos lúdico-expressivos, como desenhos, histórias, brincadeiras simbólicas e produção de narrativas, podem constituir possibilidades de intervenção. O objetivo não seria interpretar símbolos, mas permitir que a própria criança atribua significados ao que produz. Por exemplo, em acompanhamento psicológico, a interrogação poderia ser explorada por meio de perguntas abertas sobre o que ela representa, sem sugerir previamente uma resposta.

3.2. Reações emocionais relacionadas ao pai

O segundo eixo evidenciou manifestações emocionais relacionadas especialmente às tentativas de aproximação e aos encontros com o pai biológico. Segundo a mãe:

“Ela fica muito frustrada, não gosta e ela fica desesperada, não acontece com frequência de ele ir buscá-la, uma média de 6 em 6 meses, ela não quer contato, ela tem medo e diz que ele não é legal, porque não deixa ela fazer as coisas que ela gosta, como tomar sorvete, brincar”. [sic]

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A participante também relatou situações em que o pai prometia buscar a criança, mas não comparecia, ocasionando, segundo sua percepção, raiva, tristeza e frustração. Com o crescimento da filha, a mãe percebeu aumento da resistência aos encontros e às chamadas de vídeo.

Os resultados sugerem que a questão não se limita à ausência física do pai, mas envolve também descontinuidade e imprevisibilidade na relação. Bowlby (1984) destaca a importância da disponibilidade e da continuidade das figuras significativas para a construção da segurança emocional. Ao mesmo tempo, Ainsworth *et al.* (1978) demonstram que é a qualidade das interações que deve ser considerada, não sendo adequado atribuir automaticamente um padrão de desenvolvimento à ausência de um dos genitores.

Quando questionada se a filha sente falta do pai, a mãe afirmou:

“Não ela não sente falta dele, tudo referente ao pai dela ela tem como figura paterna o pai de criação dela, ela nem um momento cita o nome dele e nem se refere nada a ele, não sente falta dele e sempre que eu falo no nome dele ela muda de assunto.” [sic]

Esse dado precisa ser compreendido em conjunto com os demais relatos. A ausência de demonstração de saudade não significa necessariamente ausência de conteúdos emocionais relacionados ao pai, uma vez que aparecem medo, frustração, raiva, tristeza, mudança de assunto e resistência ao contato.

A produção gráfica reforça a necessidade dessa leitura integrada. A criança incluiu uma expressão triste próxima à sua representação e uma interrogação acima da cabeça. Não se pode afirmar que esses elementos comprovem tristeza ou dúvida em relação ao pai; contudo, sua presença em uma produção relacionada à figura paterna constitui material relevante para uma futura exploração clínica.

Nesse eixo, podem ser indicadas estratégias psicoterapêuticas de identificação, nomeação e regulação das emoções, auxiliando a criança a reconhecer medo, tristeza, raiva e frustração, bem como relacioná-los às situações em que surgem. Atividades com cartões de emoções, histórias, desenhos, escalas visuais e brincadeiras podem favorecer essa expressão de maneira compatível com a idade. Wallon (2007) compreende que a regulação emocional se desenvolve progressivamente nas relações sociais e afetivas, reforçando a importância de experiências que favoreçam a compreensão e expressão das emoções.

3.3. Estratégias maternas e fatores de proteção

No terceiro eixo, a mãe evidencia a presença de uma rede de apoio significativa. Segundo ela:

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

“No início eu tentava suprir, por que eu não sabia o que tinha reservado pra nós, conforme o tempo eu me relacionei com outra pessoa que assumiu esse papel de pai, e é ele que ela tem como referência de pai, mas ela tem avós, muitos tios que acabam fazendo esse papel de pai.” [sic]

A presença da mãe, do pai de criação, de avós e tios constitui um conjunto importante de fatores de proteção. Como discutido neste estudo, a existência de adversidades não determina necessariamente prejuízos ao desenvolvimento quando a criança dispõe de vínculos significativos e recursos de apoio. Essa compreensão se aproxima das contribuições de Cyrulnik (2004) acerca dos processos de resiliência e de Martins *et al.* (2025) sobre a interação entre fatores de risco e proteção.

A mãe relata também uma mudança na maneira de abordar o pai biológico. Inicialmente, falava com frequência sobre ele e sobre a família paterna; posteriormente, diante das reações percebidas na filha, optou por diminuir essas conversas:

> A estratégia que usei foi de parar de falar que ela tem um pai biológico, que ela tem uma outra família por que eu via que isso a deixava triste, muito agitada e com medo de que a gente em algum momento pudesse deixar ela com essa família ou com esse Pai, então conversei com a minha família para que não falassem mais nele, pois ela ficava nervosa e apreensiva, e assim tem dado certo. [sic]

A estratégia parece ter funcionado, segundo a percepção materna, para diminuir a apreensão imediata. Entretanto, reduzir as manifestações emocionais não significa necessariamente que a experiência tenha sido elaborada. Dolto (2011) destaca a importância de permitir que a criança tenha acesso à própria história por meio de explicações compatíveis com sua idade e capacidade de compreensão.

Nesse contexto, a orientação parental pode constituir uma importante estratégia psicoterapêutica. O objetivo seria auxiliar a mãe a diferenciar entre respeitar o momento em que a filha não deseja falar e transformar o tema em algo que não possa ser abordado. A criança não precisa ser pressionada a falar sobre o pai, mas deve perceber que dúvidas e sentimentos poderão ser acolhidos caso apareçam.

Também se mostra pertinente o fortalecimento dos vínculos já existentes. A atuação psicológica não deve concentrar-se exclusivamente na figura ausente, mas reconhecer a mãe, o pai de criação e a família extensa como recursos importantes de segurança, pertencimento e continuidade afetiva.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

3.4. Regulação emocional, escola e possibilidades de intervenção

Ao ser questionada sobre a forma como a filha enfrenta outras situações de frustração, a mãe afirmou:

"Ela é muito bem resolvida e quero manter ela assim, ela sabe que tem uma família muito bem estruturada e isso a mantém fortalecida." [sic]

Esse relato sugere a presença de recursos adaptativos e reforça a família como fonte de proteção. Ao mesmo tempo, a mãe percebe mudanças após os contatos com o pai:

"Muitas mudanças, as poucas vezes que ele foi buscá-la pra passear, ela voltou muito frustrada, pois, ele não deixou ela tomar sorvete, comer pipoca e nem brincar e chegou a me dizer que eu não gostava dela, pois deixava ela ir com ele." [sic]

Quando questionada sobre aquilo que a filha gostaria que fosse diferente, afirmou:

"Ela queria que fosse como é com a gente quando saímos juntos, que ela pudesse brincar, tomar sorvete, comer pipoca, que ela sente à vontade e ele não permite." [sic]

Esse relato apresenta correspondência direta com a pipoca marcada com um "X" no desenho. O significado não foi atribuído a partir do símbolo isoladamente, mas da associação entre a produção gráfica e uma experiência mencionada pela mãe. Mais do que a atividade em si, destaca-se a expressão de que a criança gostaria de "sentir-se à vontade", indicando que suas referências de convivência parecem estar vinculadas às experiências que vivencia com sua família cotidiana.

Ao descrever o que acredita que a filha sente pelo pai, a mãe afirmou:

"Ela tem um sentimento de rejeição, ela é muito definida quanto a isso, ela tem um sentimento de medo, de frieza e rejeição mesmo, devido a sua ausência." [sic]

Os termos apresentados correspondem à percepção materna e não a uma avaliação direta da criança. Entretanto, encontram relação com outros comportamentos relatados, como resistência aos encontros, evitação das chamadas e frustração após os contatos.

A escola também merece atenção nesse eixo. A mãe a identifica como um contexto novo e desafiador na vida da criança. Conforme discutido neste estudo, o ambiente escolar constitui importante espaço de aprendizagem socioemocional, convivência, cooperação, resolução de conflitos e desenvolvimento de habilidades sociais. Del Prette e Del Prette (2017) e Gonçalves e Resende (2024) destacam a contribuição dessas experiências para a regulação emocional e para as relações interpessoais.

Assim, estratégias escolares podem incluir atividades de reconhecimento das emoções, comunicação assertiva, resolução de conflitos, cooperação, expressão de necessidades e fortalecimento do sentimento de pertencimento. A escola também pode auxiliar na observação de

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

como a criança reage às frustrações e estabelece vínculos em outros ambientes, evitando atribuir qualquer dificuldade exclusivamente à ausência paterna.

A articulação entre família, escola, psicoterapia e rede de saúde torna-se especialmente relevante. As intervenções podem envolver recursos lúdicos, psicoeducação emocional, treino de habilidades sociais, orientação aos cuidadores e fortalecimento dos vínculos significativos.

Quanto à relação com o pai biológico, os resultados não permitem afirmar que simplesmente aumentar a frequência dos encontros produziria necessariamente benefícios. Os dados apontam para a importância da qualidade, previsibilidade e consistência do vínculo. Eventual aproximação precisaria considerar a história da relação, o conforto da criança e a capacidade do adulto de manter contatos estáveis e responsivos.

A fala final da mãe evidencia, ainda, importantes recursos presentes no cotidiano:

> Eu acredito muito na determinação e na coragem que eu tenho, pois, não é fácil lidar com muitas situações, mesmo tendo todo o apoio da família e do pai de criação que ela considera como pai e ele como filha, eu tenho muitas preocupações, de manter ela sempre bem cuidada, bem vestida, da alimentação, da escola da sua adaptação devido as suas limitações, sempre passo pra ela que ela é capaz, que ela vai conseguir, me esforço muito e tenho determinação para dar o melhor pra ela, e todos os dias tenho que lutar por ela. [sic]

A presença materna, o incentivo às capacidades da criança, o pai de criação, a família extensa e o acompanhamento escolar constituem recursos significativos de proteção. Dessa forma, os resultados mostram a coexistência entre experiências de sofrimento relacionadas especificamente ao vínculo com o pai biológico e importantes recursos de adaptação e proteção presentes em outros vínculos.

De maneira integrada, o estudo demonstra que a ausência paterna não deve ser analisada apenas pela ausência física. A criança possui uma representação do pai biológico e apresenta reações diante de experiências relacionadas a ele, porém também dispõe de uma figura paterna de criação, vínculos familiares consistentes e uma rede de apoio significativa. A análise do desenho reforça essa complexidade, ao permitir acesso a conteúdos que complementam a narrativa materna sem assumir finalidade diagnóstica.

Os achados indicam que intervenções psicológicas e escolares devem favorecer a expressão e a regulação emocional, o fortalecimento das habilidades sociais, a orientação dos cuidadores e a preservação dos vínculos seguros já existentes. Como levantado neste estudo, as estratégias precisam ser construídas conforme a singularidade da criança, sua história, os significados que atribui às experiências e os recursos existentes em seu contexto familiar, escolar e comunitário.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Dessa forma, o estudo contribui não apenas para enriquecer a literatura acadêmica, mas também para oferecer subsídios relevantes para a prática profissional em psicologia, contribuindo para intervenções mais eficazes no atendimento a crianças em contextos de ausência paterna. Por fim, os achados podem favorecer a conscientização social acerca da importância dos vínculos afetivos no desenvolvimento infantil, beneficiando tanto a comunidade científica quanto a sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

A presente pesquisa permitiu compreender os impactos relacionados à ausência da figura paterna na regulação socioemocional infantil, considerando possíveis repercussões na segurança emocional, na formação de vínculos e no ajustamento social. No caso estudado, os dados evidenciaram que a questão não se restringiu à ausência física do pai biológico, mas envolveu também experiências de descontinuidade, imprevisibilidade e resistência ao contato. Esses achados, contudo, não permitem estabelecer uma relação causal ou determinista entre ausência paterna e dificuldades socioemocionais.

Foram identificados fatores de proteção relevantes, como o apoio materno, a presença do pai de criação, os vínculos com a família extensa e o suporte escolar. Esses recursos coexistiram com manifestações relatadas de medo, frustração, tristeza e apreensão relacionadas ao pai biológico, demonstrando que vulnerabilidades e recursos adaptativos podem estar presentes simultaneamente na trajetória da criança.

Recomenda-se que intervenções psicológicas e psicossociais priorizem a expressão e a regulação emocional, o fortalecimento dos vínculos seguros já existentes, a orientação dos cuidadores e a articulação com a escola e a rede de saúde. O desenho e outros recursos lúdico-expressivos podem ser utilizados como meios de favorecer a comunicação infantil, desde que não sejam interpretados isoladamente nem empregados com finalidade diagnóstica fora de um processo de avaliação psicológica. Por se tratar de um estudo de caso, os resultados não são generalizáveis e devem ser compreendidos à luz da singularidade da participante e de seu contexto familiar e social.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M. D. S.; BLEHAR, M. C.; WATERS, E.; WALL, S. *Patterns of attachment*: a psychological study of the Strange Situation. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

AMARAL, R.; MONTEIRO, L.; SANTOS, C. Perfis de envolvimento relativo do pai e ajustamento social de crianças em jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, v. 37, n. 4, p. 463-477, 2019. DOI: 10.14417/ap.1553.

ARRAIS, A. L.; VIEIRA-SANTOS, S. Envolvimento paterno em pais de crianças em idade escolar: relação com estresse parental, apoio social e variáveis sociodemográficas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 37, e37313, 2021. DOI: 10.1590/0102.3772e37313.

BOWLBY, John. *Apego e perda*: apego. São Paulo: Martins Fontes, 1984. v. 1.

BOWLBY, John. *Uma base segura*: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2016.

BUENO, R. K.; VIEIRA, M. L.; CREPALDI, M. A. Relações entre padrões de ativação pai-criança, funcionamento familiar e comportamento da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 38, e38311, 2022. DOI: 10.1590/0102.3772e38311.pt.

CYRULNIK, Boris. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. *Psicologia das habilidades sociais*: terapia e educação. Petrópolis: Vozes, 2017.

DOLTO, Françoise. *Quando os pais se separam*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FLICK, Uwe. *Introdução à metodologia de pesquisa*: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GONÇALVES, L. S.; RESENDE, K. I. D. S. Construto socioemocional e suas contribuições para a Psicologia e Educação. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 36, e38241, 2024. DOI: 10.22409/1984-0292/2024/v36/38241.

MARTINS, I. M. *et al.* Fatores de risco e proteção ao desenvolvimento na primeira infância: revisão de escopo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 25, e20240166, 2025. DOI: 10.1590/1806-9304202500000166.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias*: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

OLIVEIRA, M. A. S. *et al.* Papel paterno nas relações familiares: revisão integrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 35, eAPE0306345, 2022. DOI: 10.37689/acta-ape/2022AO0306345.

SPITZ, René A. *O primeiro ano de vida*: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.